

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE ALUNOS SURDOS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: O PAPEL DOS PROFESSORES DE LIBRAS NUMA ESCOLA PÚBLICA DE APODI-RN

Danilla Raianne do Nascimento Gomes¹

Mifra Angélica Chaves da Costa²

RESUMO

O presente artigo aborda sobre a Alfabetização e Letramento em Libras de alunos surdos no Atendimento Educacional Especializado (AEE): o papel dos professores de Libras numa escola pública de Apodi-RN. Esta discussão torna-se pertinente para compreender os desafios e as contribuições dos professores de Libras durante o processo de alfabetização e letramento do surdo. Partindo da importância desse processo, levantou-se como problema: qual é o papel do professor de Libras ao longo desse percurso educativo? O objetivo geral é analisar o papel do professor frente aos processos de alfabetização e letramento em Libras de surdos no AEE. Os autores que contribuíram para esta pesquisa são: Quadros (2005); Moura (2000); Freire (1996); Soares (1998) e Libâneo (1998). O presente trabalho é de abordagem qualitativa e pesquisa exploratória. O instrumento da pesquisa foi um questionário com perguntas abertas. Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras com formação em Libras de uma escola pública, localizada na cidade de Apodi/RN. Por fim, como resultados obtidos, concluímos que o AEE é um espaço no qual ajuda o aluno surdo a estar sempre aprendendo e ampliando o seu conhecimento, bem como, motiva-o a construir a sua autonomia, além contribuir significativamente para a alfabetização e letramento dele, portanto, o professor tem um papel crucial no desenvolvimento dos estudantes surdos, além de ajudá-los a se sentirem parte de uma educação socialmente justa e igualitária.

Palavras-chave: alfabetização; letramento; professor; AEE.

ABSTRACT

This article addresses the Literacy and Critical Literacy in Libras of deaf students in Specialized Educational Assistance (SEA): the role of Libras teachers in a public school in Apodi-RN. This discussion becomes relevant to understand the challenges and contributions of Libras teachers during the literacy and critical literacy process of the deaf. Starting from the importance of this process, the problem was raised: what is the role of the Libras teacher throughout this educational journey? The general objective is to analyze the role of the teacher in the processes of literacy and critical literacy in

¹ Graduanda em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, danilla.gomes@alunos.ufersa.edu.br

² Professora da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, campus Caraúbas. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. mifra@ufersa.edu.br

Libras of the deaf in SEA. The specific objectives are: to differentiate the types of literacy and critical literacy of the deaf and the hearing; to analyze how literacy and critical literacy in Libras of the deaf and their methodologies occur within SEA; to understand the role of the Libras teacher in the literacy and critical literacy of deaf students in the SEA space. The authors who contributed to this research are: Quadros (2005); Moura (2000); Freire (1996); Soares (1998) and Libâneo (1998). The present work is qualitative and exploratory research. The research instrument was a questionnaire with open-ended questions. The subjects of the research were two teachers with training in Libras from a public school located in the city of Apodi/RN. Finally, as results obtained, we conclude that SEA is a space in which it helps the deaf student to always be learning and expanding his knowledge, as well as motivating him to build his autonomy, in addition to significantly contributing to his literacy and critical literacy, therefore, the teacher plays a crucial role in the development of deaf students, besides helping them to feel part of a socially just and equal education.

Key words: literacy; literacy skills; teacher; SEA.

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas instituições de ensino tem grande importância na vida do surdo, sendo ela uma língua inclusiva que dá oportunidade aos surdos de aprenderem e se comunicarem fazendo uso da sua língua natural. Sabemos que existe a Lei de Libras nº 10.436/02, do decreto nº 5.626/05, a qual dispõe sobre a língua de sinais.

Além da Lei de Libras, é importante relatar sobre o ensino de uma forma geral. Assim, é pertinente destacar a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu artigo 205, explica a respeito da garantia do direito de todos à educação. Também, a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), no capítulo V do artigo 58, explica sobre a modalidade da Educação Especial. Por último, o Decreto de nº 7.611, de 2011, o qual trata sobre a efetivação do AEE.

O ouvinte também pode aprender a Libras para conversar com o surdo e assim fazer parte dessa comunidade tão significativa para a sociedade. Assim sendo, este trabalho busca estudar a seguinte temática: O papel dos professores de Libras na alfabetização e letramento dos surdos no AEE. Esse é um assunto que, na área da Libras, tem uma necessidade de ser amplamente discutido.

Debater sobre o papel do professor de Libras no AEE é compreender como funciona esse percurso, já que o surdo, assim como qualquer outra pessoa, deve ter assegurado o direito à educação, tratando-se de aprender a língua de sua comunidade. Também, é importante que os educadores busquem estudar na área e encontrem cada

vez mais informações para entender o caminho que ele deve seguir nesse processo de ensino e aprendizagem. É válido mencionar também que, os surdos sofrem com os inúmeros preconceitos que eles ainda enfrentam por algumas pessoas da sociedade. Então é essencial percebermos o valor deles e respeitá-los como qualquer outra pessoa.

Então, buscar informações para que seja possível entender como os professores trabalham no AEE, as metodologias utilizadas, como desenvolvem, realmente, a alfabetização em Libras e, conseqüentemente, em Língua Portuguesa, para os surdos e entre outras questões pertinentes sobre o conteúdo, serão fundamentais para ser debatido.

Esta pesquisa é relevante, porque há uma necessidade de buscar entender como funciona o processo de alfabetização e letramento dos discentes surdos durante os atendimentos no AEE de uma escola pública da cidade de Apodi/RN. Uma vez que ele precisa antes ser alfabetizado em Libras, que no caso é a sua língua materna, para depois aprender a Língua Portuguesa escrita. Embora saibamos que, na maioria dos casos, acontece o caminho inverso, ocasionando um atraso na aprendizagem. A Libras é o principal meio de comunicação que existe para que o surdo possa interagir com outros surdos e/ou com ouvintes. É onde ele inicia o seu processo para compreender o mundo e o que acontece nele.

É pertinente ressaltar que existem vários fatores que interferem o surdo a aprender a sua língua materna e consiga se alfabetizar desde cedo, como por exemplo: a não aceitação por parte da família ouvinte de ter um filho surdo; esse contato apenas com ouvintes conduz a aprendizagem do português escrito primeiro, mesmo que ainda com muitas limitações também desarticulada da Libras; trabalham a oralização e ficam buscando os métodos para tentar fazer com que ele consiga oralizar, dentre outras situações.

Geralmente, quando o surdo tem acesso tarde demais para se alfabetizar, isso, infelizmente, prejudica bastante a sua vida em diversos aspectos. É necessário o surdo ter um acompanhamento desde a infância para conseguir se tornar alfabetizado e letrado em sua língua e possa se desenvolver em outras áreas.

A própria história do surdo também contribuiu para desenvolver um projeto voltado às necessidades dele, uma vez que o sujeito surdo era tratado como alguém incapaz de aprender ou participar da sociedade, pois sofreu muitos preconceitos para conquistar respeito e direitos.

Por isso, discutir sobre a educação do surdo e estudar um pouco sobre ela, é poder valorizar a língua da comunidade surda. Desse modo, o professor dessa área, seja ele surdo ou ouvinte, deve estar preparado para garantir uma educação acessível ao seu aluno e com resultados satisfatórios, e por esse motivo será viável discutir sobre as estratégias metodológicas do docente.

Contudo, pensar na alfabetização e letramento de surdos no AEE e o papel do professor, é saber que, apesar de suas diferenças, eles (os surdos) são capazes e têm o direito a um ensino que os ajudem a ter uma formação acadêmica melhor, possibilitando um futuro com mais excelência. Por isso, a função do professor é ajudá-lo dando sempre o melhor em suas aulas e da forma mais didática possível.

Sabemos que para o surdo passar a frequentar sua comunidade, é interessante que primeiramente ele adquira o aprendizado de Libras para posteriormente frequentá-lo e possa se comunicar usando a própria língua.

A alfabetização e letramento dos surdos em Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma etapa muito importante, visto que esse processo é diferente dos ouvintes, pois é algo que deve ser adequado à realidade do aluno surdo. De acordo com a Lei nº 10.436/02, a Libras é a primeira língua e, a Língua Portuguesa escrita, é a segunda da comunidade surda do Brasil. Para auxiliar nesse desenvolvimento, o professor de Libras têm um papel central, pois é ele quem deve buscar todas as estratégias pedagógicas para ensiná-lo, além de ter fluência e um conhecimento mais aprofundado em Libras ou até mesmo ser bilíngue. Partindo disso, qual o papel do professor de Libras na alfabetização e letramento dos surdos em uma escola pública na cidade de Apodi-RN?

Sabemos que a alfabetização e letramento em Libras dos surdos no AEE não se desenvolve de qualquer maneira, afinal é essencial que haja um trabalho produtivo e motivador para auxiliar esses alunos cada vez mais a participarem ativamente da sociedade na qual estão inseridos. Esse meio de alfabetizar precisa ser bem organizado, planejado e inclusivo.

Desse modo, esta pesquisa partiu da vivência no estágio L1.I, de observação, no período 5º período do curso de Letras-Libras, o qual corresponde ao ensino de Libras para alunos surdos. A ementa³ desse estágio traz os seguintes pontos a serem feitos: Observação, análise e relato das práticas pedagógicas utilizadas no ensino das

³ Informação retirada do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Letras - Libras do ano de 2018.

habilidades linguísticas e comunicativas de Libras como L1. Intervenção didática no ensino de Libras como L1. Além disso, possui uma carga horária de 100 horas.

Assim, conforme mencionado motivo acima, despertei a curiosidade a entender como acontece todo o sistema de alfabetização do sujeito surdo; o papel de seu professor no AEE e as dificuldades que o surdo enfrenta durante a sua caminhada escolar; problemas esses que inclusive já foram relatados pelos quatro colegas surdos de turma da faculdade. A proposta aqui é fazer uma reflexão acerca de como ocorre todo esse processo com os surdos que estão na Educação Básica.

Neste contexto, esta pesquisa tem como justificativa refletir sobre como acontece o processo de alfabetização e letramento de surdos no AEE. A criança surda precisa, desde cedo, estar em contato e de forma interativa, com esse sistema de ensino, bem como, dominar a leitura e escrita na Língua Portuguesa. No entanto, não se resume apenas a alfabetização e letramento em Libras de surdos no AEE, visto que é algo que necessita ser debatido, afinal, a metodologia desenvolvida para esses alunos é diferente do ensino para ouvinte e, na maioria dos casos, é determinante para a participação, aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes surdos.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel do professor frente aos processos de alfabetização e letramento em Libras de surdos no AEE de uma escola pública da cidade de Apodi-RN. Os objetivos específicos são: diferenciar os tipos de alfabetização e letramento dos surdos e do ouvinte; analisar como se dá a alfabetização e letramento em Libras de surdos e suas metodologias dentro do AEE; compreender o papel do professor de Libras na alfabetização e letramento de alunos surdos no espaço do AEE.

Alguns autores que fundamentam esta pesquisa são: Quadros (2005); Moura (2000); Rocha (2010); Freire (1996); Libâneo (1998); Gil (2002); Veiga (1995); Fernandes (2006); Camargo, Gomes, Silveira (2016) e Mendonça (2007). Assim, o presente trabalho de pesquisa é qualitativa e de abordagem exploratória, realizado em uma escola pública, localizada na cidade de Apodi/RN, com a participação de duas colaboradoras licenciadas em Libras.

A escolha dessa escola partiu da convivência e contato prévio com a instituição, onde foi concluído o ensino médio. Além desse motivo, no período em que estava sendo produzido o projeto da pesquisa, também foi ministrado um curso de Libras nessa mesma escola para os alunos ouvintes. Sendo assim, aproximações da instituição e com

as docentes de Libras, ocorreram de forma mais efetiva. Junto a isso, também foi possível conversar com o diretor, o qual aceitou realizar a pesquisa.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: na primeira parte é o referencial teórico, dividido nos três subtópicos a seguir: “Alfabetização, letramento e educação de surdo”, descreve um pouco sobre esse processo de leitura, escrita e comunicação, bem como, sobre o trajeto histórico da educação de surdos. Em seguida, o tópico “O papel do professor de Libras em debate”, o qual irá abordar um pouco sobre essa função no ensino de surdos, visto que para haver ensino, é necessário um docente que estude, pesquise e esteja apto a desenvolver atividades que garantam bons resultados. E, por último; “Atendimento Educacional Especializado para surdos”, este irá tratar sobre o suporte que é dado ao aluno surdo e a didática utilizada para esse processo. Posteriormente, teremos a metodologia de pesquisa, que é a quinta parte, na qual, abordarei também, separadamente, sobre a pesquisa qualitativa e exploratória e o questionário com os docentes de Libras. Adiante, temos as análises e discussão e, por fim, as considerações e referências.

2 Alfabetização, Letramento e Educação de surdos

A alfabetização e letramento na educação de surdos é um assunto pertinente e necessita ser aquecido os debates e as reflexões. O processo de alfabetização e letramento é uma etapa fundamental, o qual auxilia no desenvolvimento da leitura, escrita, comunicação, planejar ideias e/ou pensamentos, relacionando com situações do cotidiano e da sociedade. Por isso, é importante que desde bebê, o surdo tenha um ambiente linguístico estimulador, a fim de que ele comece a se familiarizar com os sinais, para assim ter um desenvolvimento pleno. Nessa etapa, os pais são fundamentais, para isso acontecer, como bem destaca Quadros (2005):

Quando a criança surda tiver a chance de, no início do seu desenvolvimento, contar com pais dispostos a aprender a língua de sinais, com adultos surdos, com colegas surdos, quando ela narrar em sinais e tiver escuta em sinais, a dimensão do seu processo educacional será outra (Quadros, 2005, p. 6).

Assim, é essencial que os pais sejam presentes e tenham interesse na educação do seu filho desde pequeno, pois são eles os primeiros a perceberem se a criança tem alguma particularidade para descobrir.

É pertinente destacar que, existe toda uma trajetória histórica na educação de surdos e muitos acontecimentos que nos levam a refletir sobre todas as situações nas

quais eles enfrentaram, para que hoje pudessem ter direito e acesso a uma educação que respeite a Língua de Sinais. Então, é relevante conhecer um pouco dessa história, mesmo que de forma sucinta, para compreendermos melhor todo esse processo.

Inicialmente, é válido ressaltar que as pessoas surdas eram vistas pelos gregos e romanos como seres incompetentes e incapazes de fazer qualquer tipo de atividade. Dado esse motivo, eles eram isolados da sociedade, ou seja, foram separados daquilo que deveria ajudá-los. Acerca disso, Moura (2000) destaca que:

Os ouvintes, na Antiguidade, consideravam que os Surdos não eram seres humanos competentes. Isto decorria do pressuposto de que o pensamento não podia se desenvolver sem a linguagem e que esta não se desenvolvia sem a fala. Desde que a fala não se desenvolvia sem a audição, quem não ouvia não falava e não pensava, não podendo receber ensinamento e, portanto, aprender. Aristóteles considerava que a linguagem era que dava a condição de humano para o indivíduo (Moura, 2000, p. 16).

De acordo com Moura (2000, p. 16), o surdo não tinha esse direito de ensino, por isso ele sofria bastante com aquela realidade que eram obrigados a viverem, inclusive quanto mais tempo eles passavam sem aprender a sua língua natural, já que a fala era o que tornava um ser aceito pelo meio social, mais tempo eles ficavam atrasados na sua educação.

Dentre alguns educadores que demonstraram interesse no desenvolvimento do sujeito surdo, podemos mencionar o Pedro Ponce de León, um homem muito importante, o qual constituiu a primeira escola para surdos, sendo ele também considerado o primeiro professor de surdos da história, que os ajudou a escrever, ler, falar e entre outras atividades. Strobel (2009), descreve um pouco sobre o trabalho desse homem o qual mostrou aos que não acreditavam, que o surdo era um ser humano capaz de realizar quaisquer tipo de atividades, inclusive, também, podiam adquirir muito conhecimento igual a uma pessoa ouvinte.

No entanto, para que o sujeito fosse reconhecido pela sociedade, era necessário fazer o uso da fala e, por isso, algumas práticas como o oralismo, eram feitas. Segundo Goldfeld (2002, p. 34), a finalidade do “oralismo é fazer a reabilitação da criança surda em direção à normalidade”. Esse método tinha como maior função ajudar a desenvolver a fala/comunicação da pessoa surda.

Além dessa técnica, surgiu ainda a visão clínica na idade contemporânea, esse procedimento tinha a intenção de fazer com que, aquele sujeito surdo “consertasse” a sua audição e só assim conseguiria desenvolver a fala para viver melhor na sociedade, ou seja, dava muita ênfase à oralidade. No entanto, muitos desses métodos para adquirir

a fala, assim como esse mencionado, não obtiveram o sucesso almejado. Moura (2000), acerca disso, destaca que:

Se esta história não se passasse no século XIX, poderíamos pensar estar ouvindo o discurso de muitos educadores oralistas que se baseiam até hoje, nestes mesmos argumentos para combater o uso dos Sinais na educação do Surdo. O que chama a atenção com relação a esta postura nos educadores é o fato de não compreender o que observam no seu próprio trabalho, isto é, o fracasso para cumprir o desenvolvimento acadêmico. O próprio Itard, após dezesseis anos de tentativas e experiências frustradas de oralização e remediação da surdez, sem conseguir atingir os objetivos desejados, rendeu-se ao fato de que o Surdo só pode ser educado através da Língua de Sinais [...] (Moura, 2000, p. 27).

Moura (2000) explica que os surdos, para serem reconhecidos pela sociedade, deveriam desenvolver a fala com fluência. Mas, ao mesmo tempo, apresenta um exemplo comprovando que o surdo só pode ser educado por meio da Língua de Sinais. Esses são alguns exemplos de técnicas realizadas com os surdos para “forçá-los” a se comunicar como os ouvintes, mas que não obtiveram sucesso nos resultados. Isso mostra o quanto eles encontraram barreiras para conseguirem ter reconhecimento.

No entanto, a história não acabou ainda. Houve um Congresso em Milão no ano de 1880 e lá aconteceu uma votação para proibir oficialmente a língua de sinais na educação do surdo. Strobel (2009) também relata sobre esse evento, que foi um acontecimento muito impactante para a educação de surdos, pois mais uma vez o sujeito não estava tendo o seu devido reconhecimento. O ouvintismo, outra opressão, a qual o surdo foi submetido, onde, a partir desse evento, a pessoa surda era induzida a ter que se compreender como ouvinte e isso mostra o grau de superioridade que o ouvinte se considerava no que se refere ao surdo.

Os anos foram passando e no século XX foi percebido que, essas práticas de oralidade pressionando o surdo a falar ao invés de praticar o uso da língua de sinais, não tiveram sucesso, e, isso acontecendo, o surdo ficava visto como um indivíduo sem capacidade. No entanto, a partir da década de 60, ainda desse mesmo século, a língua de sinais estava começando a ter reconhecimento, principalmente devido a ajuda do linguista americano William Stokoe, o qual mostrou que essa língua também tem uma estrutura própria assim como as demais. Aos poucos, essa língua tão importante foi obtendo seu reconhecimento cultural e histórico.

Se tratando do nosso país, o Brasil, nós temos a Libras como a língua natural do surdo, que teve uma forte influência francesa e foi criada junto com o Instituto Nacional da Educação de Surdos (INES). De acordo com Rocha (2010):

O INES foi fundado há 152 anos e a presença de narrativas ligadas à memória faz parte da cultura institucional. A marca de sua longa história é muito forte na instituição, embora, contraditoriamente, a atenção com a memória oral seja mais relevante do que com a memória escrita. Muito se perdeu de fontes documentais materiais, por diversas razões que não cabem aqui serem discutidas (Rocha, 2010, p. 33).

O Instituto Nacional de Educação de Surdos em Línguas de Sinais (INES) foi desenvolvido pela iniciativa do surdo francês Ernest Huet, em torno do século XIX. Como descreve bem Rocha (2010) na citação acima, foi o início de uma história de muito esforço, além de ter sido uma referência muito significativa para os surdos.

No entanto, a Libras alcançou ainda mais conquista no ano de 2002, com o consentimento da Lei nº 10.436, a qual reconheceu a língua de sinais como meio oficial de comunicação para surdos no Brasil, aprovado em 2005, por meio do decreto nº 5.626, na qual regulamenta a Lei e encoraja a comunidade a permanecer lutando pelo seu espaço social.

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais — Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais — Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (Brasil, 2002).

Assim, com o reconhecimento da Lei de Libras, a situação foi alcançando melhorias, inclusive na educação do próprio surdo. Vemos, ainda, que a Libras é uma forma de comunicação da comunidade surda e assim, como a Língua Portuguesa, ela também tem a sua estrutura gramatical. É certo que, o ensino dessa língua requer estratégias visuais para auxiliar nas práticas de ensino do surdo.

Foi necessário compreender, resumidamente, que o surdo enfrenta muitas barreiras antes de conquistar seus direitos quanto a sua educação. Além disso, é fundamental destacar aqui ainda que, a sua alfabetização e letramento é diferente do ouvinte, ou seja, o surdo tem a Libras como língua primeira (L1) e o Português como segunda língua (L2), já o ouvinte é o inverso.

Sabemos que para os alunos surdos serem alfabetizados e letrados, precisam entrar em contato previamente com a Libras e, posteriormente, o Português escrito, por

isso, as estratégias utilizadas no processo de alfabetização e letramento pelo professor, devem ir de acordo com a particularidade de cada aluno. Além disso, é importante destacar que a memorização, nesta etapa, é um dos métodos de alfabetizar e letrar o surdo em Libras. Fernandes (2006), afirma que:

A língua escrita pode ser plenamente adquirida pelos surdos se a metodologia empregada não enfatizar a relação letra-som como pré-requisito, mas recorrer, principalmente, a estratégias visuais, prioritariamente pautadas na língua de sinais, similares metodologicamente àquelas utilizadas usualmente no ensino de segunda língua para ouvintes. (Fernandes, 2006, p. 132)

Conforme destaca Fernandes (2006), a educação dos surdos deve ser planejada pelo educador, usando sempre os métodos visuais para relacionar, imagem, sinal e palavra escrita, sem usar a oralidade, obviamente. Para que o aluno surdo consiga uma educação com resultados positivos, é importante que todo o processo de alfabetização e letramento esteja presente nas suas práticas sociais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), apresenta alguns modelos de linguagem que são essenciais para fazer uso de métodos de ensino. Assim, esse documento destaca o seguinte:

Diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Brasil, 2018, p. 8).

Esse documento mostra que o uso da Libras é o meio de comunicação entre os indivíduos surdos e/ou ouvintes no âmbito escolar, fazendo com que o aprendizado, através dessa relação, torne-se algo mais produtivo para os alunos surdos.

Apesar da alfabetização e letramento andarem juntos no processo de educação escolar, cada termo possui o seu conceito. Soares (1998), apresenta uma breve ideia sobre os dois:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (Soares, 1998, p. 39-40)

Sendo assim, de acordo, com Soares (1998), a alfabetização está ligada a um processo do sistema alfabético da leitura e escrita, mas não apenas a isso, como são dois métodos inseparáveis, para que haja um bom resultado na alfabetização, a criança

precisa ser letrada, ou seja, ela precisa adquirir vivências em contextos sociais e culturais de leitura e escrita.

Geralmente, o contato com essas práticas começa bem antes da criança iniciar a escola, uma vez que ela começa conviver com pessoas que estão lendo ou são rodeadas de diversos livros de histórias ou gêneros diferentes, o que significa que elas vivem em um ambiente letrado, o qual estimula o ato de ler e escrever.

Dada as informações acima, a alfabetização, letramento e educação de surdos, é um assunto com muitos detalhes que ainda precisa ser bem discutido. Esse processo educativo deve respeitar as particularidades de cada aluno, pois nem todos aprendem utilizando as mesmas estratégias. Aprender Libras junto com o português é um sistema que exige sistematização.

2.1 O Papel do Professor de Libras em Debate

Falar sobre o papel do professor de Libras é entender que ele tem a função de ensinar a Libras aos alunos surdos e ouvintes. Afinal, a comunicação que não existe apenas de surdo para surdo, mas também com o ouvinte, e além de ensinar essa forma de comunicação, este também deve abordar acerca da cultura e história dessa língua, através de muitas lutas do movimento surdo conseguiu alcançar reconhecimentos.

O professor de Libras tem ainda, em seu ambiente de trabalho escolar, que desenvolver estratégias as quais garantam um resultado exitoso no aluno. Mas, antes de tudo isso, a escola tem por obrigação ter um espaço completamente inclusivo, onde todos aprendam juntos, sem restrição. Sem um ambiente inclusivo, é impossível desenvolver um trabalho completo e com os objetivos alcançados. Acerca disso, Mendonça (2007) afirma:

De acordo com a Declaração de Salamanca, o mérito das escolas inclusivas não residiria somente no fato de receber esses alunos, mas que fossem capazes de prover educação de qualidade a todas as crianças. Nessa perspectiva, o tema da inclusão escolar de alunos com deficiência foi ganhando cada vez mais destaque, gerando propostas e fortes adesões, assim como polêmicas e discussões por parte de pesquisadores (Mendonça, 2007, p. 14).

De acordo com o autor, é possível compreender que o ensino inclusivo é uma forma de igualar as oportunidades para todos, seja aluno ouvinte ou surdo ou até com alguma particularidade, e esses possam frequentar a escola com mais vontade, sem barreiras de comunicação que atrapalhem o ensino.

O docente não é o único responsável, mas contribui bastante na vida do discente surdo. O desenvolvimento do aluno em sala de aula, sempre vai depender de um educador. De acordo com Gatti (2016, p. 164) “a formação dos professores, suas formas de participação em sala de aula, em um programa educacional, sua inserção na instituição e no sistema, são pontos vitais”. É necessário a presença de um educador em sala de aula, a sua importância traz contribuições significativas para a instituição.

O docente de Libras precisa estar diariamente preocupado com a formação do seu aluno, trabalhando atividades conforme as singularidades que existem em cada um. Esse professor precisa conhecer a Libras e além disso, buscar se capacitar cada vez mais na área, como também compreender que essa língua é a primeira (natural) dos surdos e a segunda, é o português escrito. Sobre formação, Freire (1996) aponta o seguinte:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. (Freire, 1996, p. 12)

Freire (1996) explicita o quão importante é a formação do professor, inicial e continuada, que garanta uma aprendizagem mais segura e eficaz para o discente. Como ele bem destaca, o ensinar não é transmitir os conhecimentos, mas sim construir conhecimentos, por isso é essencial estar sempre pesquisando novos métodos de ensino, entendendo que há sempre algo novo para desenvolver em sala ou até mesmo fora dela.

Atuar na educação inclusiva pode ser um desafio, no entanto, para que haja conquistas satisfatórias, é essencial que o docente se importe com o seu aluno durante as suas práticas de ensino. Paulon, Freitas e Pinho (2005, p. 21) que:

A formação do professor deve ser um processo contínuo, que perpassa sua prática com os alunos, a partir do trabalho transdisciplinar com uma equipe permanente de apoio. É fundamental considerar e valorizar o saber de todos os profissionais da educação no processo de inclusão. Não se trata apenas de incluir um aluno, mas de repensar os contornos da escola e a que tipo de Educação estes profissionais têm-se dedicado. Trata-se de desencadear um processo coletivo que busque compreender os motivos pelos quais muitas crianças e adolescentes também não conseguem encontrar um “lugar” na escola. (Paulon, Freitas e Pinho, 2005, p. 21)

Conforme foi bem destacado, o ato de ensinar requer progresso. As práticas desenvolvidas por docentes precisam ser, metodologicamente, adequadas à particularidade do discente. É importante ainda levar em consideração que, em diversas situações, o aluno tem dificuldade em encontrar seu lugar na escola, ou seja, sente-se excluído dos grupos sociais, por isso, mais uma vez, o professor, além de acolhê-lo, tem o papel de ajudar a eliminar essas barreiras, auxiliando-o, com as suas ricas didáticas de ensino e proporcionando contribuições positivas.

A prática desse profissional de Libras requer momentos dinâmicos e descontraídos, por meio de metodologias didáticas contextualizadas e significativas. Assim, Libâneo (1998) destaca o seguinte:

O professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz à sala de aula, seu potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar, seu modo de trabalhar. (Libâneo, 1998, p. 29)

De acordo com Libâneo (1998), podemos considerar que ser professor não é considerar só o que ele conhece ou ainda, somente os ensinamentos presentes nos livros didáticos, é necessário lembrar que os alunos carregam consigo várias experiências e conhecimentos adquiridos socialmente, por isso, devem também ser valorizados durante a troca de aprendizado entre o docente e o discente.

Dado isso, concluímos essa parte destacando ainda que o professor de Libras está muito além do que apenas ensinar o que se sabe. As estratégias pedagógicas e uma boa relação entre o aluno, professor e conteúdo, devem estar presentes no ambiente de aprendizagem.

2.2 Atendimento Educacional Especializado para discentes surdos

Tratar do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos surdos, é entender a importância que esse suporte tem, além de ser indispensável, pois contribui também para a formação plena do estudante surdo. Assim, o atendimento no AEE se dá através das especificidades do aluno, ajudando-o a garantir uma aprendizagem mais inclusiva e significativa.

O AEE foi regulamentado no ano de 2008, pelo decreto nº 6571 (Brasil, 2008) e revogado pelo decreto de nº 7.611, de 2011. No artigo 3 apresenta seus objetivos, que são:

- I - prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular e garantir serviços de apoio especializados de acordo com as necessidades individuais dos estudantes;
- II - garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular;
- III - fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino e aprendizagem; e
- IV - assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis, etapas e modalidades de ensino.

Partindo disso, percebemos que o AEE é uma garantia de atividades e suportes de forma especializada para atender as necessidades dos alunos. E, se tratando do aluno surdo que precisa da Libras para se comunicar, é possível dizer que ainda há, muitas salas de AEE nas escolas brasileiras, a ausência de profissionais que realmente conheçam a Libras e a dominem, essa é uma situação que, por vezes, dificulta o aluno surdo de desenvolver a aprendizagem da própria língua. Lembrando que, a alfabetização e letramento desses alunos não depende apenas do professor que atende na sala do AEE, mas sim, de toda a instituição escolar, em conjunto.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a qual garante o direito de todos à educação, diz no artigo 205, página 123, que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

Vemos que, é constitucionalmente um direito de todo e qualquer indivíduo, a educação, no qual é fundamental para o progresso social do ser humano, além de valorizar a igualdade entre as pessoas. Ou seja, todas as pessoas devem ter acesso à educação escolar.

É importante que o professor alfabetizador em Libras desenvolva projetos e atividades que tenham objetivos coerentes com as necessidades educacionais do aluno surdo. Por isso, a necessidade de adaptá-la, principalmente, enquanto estão nesse processo, é fundamental para ajudá-lo, como diz Alvez, Barbosa (2010):

O ensino de uma língua requer critérios metodológicos que favoreçam a contextualização significativa, considerando que nem sempre o signo linguístico é motivado. Na organização do AEE, o professor de Libras deve planejar o ensino dessa língua a partir de diversos aspectos que envolvem sua aprendizagem, como referenciais visuais, anotação em língua portuguesa, datilologia (alfabeto manual), parâmetros primários e secundários, classificadores e sinais. (Alvez, Barbosa, 2010, p. 17)

Dessa forma, os recursos didáticos trabalhados devem ser pensados conforme a necessidade do aluno e é imprescindível haver um atendimento diário para que se tenha o objetivo de aprendizado alcançado.

O AEE para os alunos surdos e/ou outras particularidades, não é uma técnica para substituir ou retirar o discente da sala de aula, é um apoio que dá melhoria à educação desses sujeitos e é recomendado que esse atendimento ocorra no horário contrário das aulas regulares. Silva et al (2019, p.1) a respeito disso, comenta o seguinte sobre o AEE:

[...] foi criado para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais, facilitando seu acesso ao currículo e a plena participação com autonomia e independência, no ambiente educacional e social, devendo ser articulado com a proposta da escola regular. (Silva et al, 2019, p. 1)

Assim, conforme destacado acima, o AEE dá a assistência necessária à educação dos alunos e promove acesso ao conhecimento, além de conseguir ajudar a estarem incluídos realmente na sociedade.

Silva et al (2019, p. 1) ainda ressalta que:

O AEE deve acontecer em Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) que é um espaço organizado com materiais didáticos, pedagógicos, equipamentos e profissionais com formação para o atendimento às necessidades educacionais especiais, projetadas para oferecer o suporte necessário a estes alunos, favorecendo seu acesso ao conhecimento. (Silva et al, 2019, p. 1).

Dada essa fala, entendemos que para haver um suporte de aprendizagem favorável, também é necessário um espaço especializado e adequado com materiais que atendam as especificidades dos alunos. Assim, é possível um resultado ainda mais satisfatório na formação do discente.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) nº 9.394/96 em seu capítulo V do artigo 58, sobre a modalidade de Educação Especial diz que “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.”

Sobre o artigo 58 da LDB, ele enfatiza a necessidade da Educação Especial na rede educacional de ensino para atender/auxiliar alunos com quaisquer particularidades. É imprescindível o acesso a essas oportunidades oferecidas dentro da instituição, além

de ser uma promoção que torna a escola mais acessível/inclusiva para todos. Somando a isso, ajuda a garantir mais oportunidades de uma formação acadêmica futura.

Sabemos que o AEE é um espaço que desenvolve práticas educativas e inclusivas, independentemente da particularidade de cada aluno. Mas, se tratando do aluno surdo, é importante ressaltar que nesse espaço é necessário o professor formado e fluente em Libras para atendê-lo e desenvolver as propostas de atividades de alfabetização e letramento. De acordo, com essas informações, Santos e Bomfim, (2017, p.10), destacam que “é importante que o professor seja fluente na Libras para atuar no AEE e seus momentos pedagógicos”.

Sendo assim, a citação acima mencionada por Santos e Bomfim, (2017, p.10), comprova a importância da fluência na língua para auxiliar seus alunos surdos, uma vez que, não há como um docente que não conhece a Libras, conseguir desenvolver um bom trabalho de formação para esses discentes.

Por meio do Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011, sobre a inclusão, garante o seguinte:

Art. 1º O dever do Estado com a educação das pessoas público-alvo da educação especial será efetivada de acordo com as seguintes diretrizes: I – garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades; [...] Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (Brasil, 2011, p. 01).

Assim, através desse decreto que garante e fortalece o direito ao atendimento educacional de forma inclusiva, é possível perceber o quanto ele é importante para a formação do aluno, seja surdo ou com alguma especificidade. Vale lembrar que o AEE não é um local para substituir a sala de aula e isolar os alunos surdos da interação em sala de aula ou em outro ambiente escolar. De acordo com Camargo; Gomes; Silveira, (2016):

O Atendimento Educacional Especializado visa complementar e desenvolver a autonomia do aluno dentro da escola e fora dela, organizando e promovendo situações que favoreçam o seu desenvolvimento, com a estimulação dos mecanismos do desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem intermediados pelo uso de materiais didáticos e pedagógicos que atendam às necessidades específicas desses alunos (Camargo; Gomes; Silveira, 2016, p. 22).

Por fim, entendemos que, de uma forma geral e se tratando do surdo, especificamente, o AEE tem uma finalidade de encorajar mais ainda no

desenvolvimento desse aluno. Promovendo atividades estratégicas capazes de ampliar o ensino, além de ajudar a melhorar a comunicação e interação do surdo com a sociedade.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa é de abordagem qualitativa e exploratória. Uma vez que, alguns textos relacionados ao tema abordado foram estudados como auxílio na compreensão do conteúdo, pois existe já algumas discussões sobre o papel do professor de Libras na alfabetização e letramento dos surdos, mas é preciso aprofundar as informações já estudadas e entender mais detalhadamente como o docente desenvolve ou deve desenvolver esse trabalho tão relevante na vida do surdo.

Partindo disso, apresentamos uma etapa muito importante como proposta para a metodologia de pesquisa. Em seguida, será apresentado dois subtópicos sobre o conceito das pesquisas exploratórias e a importância delas neste trabalho, bem como acerca do questionário com as docentes.

3.1 Pesquisas exploratórias

As pesquisas exploratórias em um trabalho de pesquisa, com este, é uma forma de obter e enriquecer as ideias que estão sendo abordadas ao investigar o problema proposto. Assim, sobre pesquisas exploratórias, Gil (2002, p. 41) destaca o seguinte:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (Gil, 2002, p. 41)

Gil (2002), na citação acima, destaca bem o objetivo da pesquisa exploratória, deixando claro que a aproximação com o problema investigado, contribui ativamente para a formulação das hipóteses. Assim, estar em familiaridade com o tema de pesquisa é metodologicamente uma forma de completar os espaços em branco de informações que faltam nas discussões do estudo.

3.2 Narrativas das docentes no contexto do AEE

A escolha do questionário é devido a contribuição que ele traz e a utilidade que ele tem em coletar as informações precisas. A respeito do questionário, Gil (2002, p.

116) relata que “a elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos. Naturalmente, não existem normas rígidas a respeito da elaboração do questionário.”

Gil (2002, p.116) bem ressalta sobre a elaboração do questionário para uma pesquisa, deixando claro que os benefícios alcançados nela se dão através de objetos bem elaborados. Além disso, o questionário também é uma ferramenta que torna o pesquisador mais próximo do assunto investigado.

Ainda, para esta pesquisa, foi pensado em um questionário online, contendo dez perguntas, através do Google Forms, considerando que as professoras participantes estavam trabalhando na organização de um evento de artes e cultura que acontece anualmente no mês de dezembro na escola, e assim, nesse formato de questionário, elas teriam a oportunidade de respondê-lo, de acordo com a sua disponibilidade.

Justificando que, inicialmente foi pensado em fazer a pesquisa no formato presencial, no entanto, como as colaboradoras estavam sem disponibilidade por causa das outras demandas escolares relacionadas ao evento, foi necessário redimensionar o instrumento da pesquisa para conseguir, em tempo hábil, realizar o trabalho.

Por fim, o questionário foi elaborado com perguntas abertas, relacionadas à realidade dessas profissionais. Sobre isso, foi combinado previamente com elas a data de envio do formulário. Esse segundo passo foi muito importante, pois nele constam as perguntas e respostas acerca da diferença que há entre a alfabetização e letramento dos surdos e do ouvinte, e como esse processo acontece em Libras para os surdos e as metodologias utilizadas dentro do AEE.

3.3 Lócus da pesquisa

Com relação ao lócus da pesquisa sabe-se, de acordo, com os dados obtidos no site oficial da Prefeitura Municipal de Apodi⁴, que a cidade está localizada a 339 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Uma região de muitas riquezas naturais e históricas, como o Lajedo de Soledade e a Barragem de Santa Cruz. A Chapada do Apodi/RN, segundo o último censo realizado no ano de 2022, apresenta uma totalidade de 36.094 pessoas, entre a zona rural e a urbana.

A escola ⁵ encontra-se na zona urbana desta cidade mencionada. Ela teve o seu primeiro ano de funcionamento em 1966. A mesma tem o objetivo de “estabelecer

⁴ <https://apodi.rn.gov.br/>

⁵ Todas as informações sobre a escola foram dadas por parte do Apoio Pedagógico.

metas e ações que possibilitam repensar e nortear práticas pedagógicas fundamentadas na perspectiva da Formação Humana Integral considerando os pressupostos “Trabalho, Ciência, Tecnologia e Cultura”.

Sobre o porte da escola, a SEEC define o porte das escolas da Rede Estadual do RN, entre I e V, de acordo com o número de matrículas. Assim, a escola é considerada Porte II. Atualmente, na instituição, há 46 (quarenta e seis) docentes, incluindo 3 (três) professores da área de Libras e atendendo uma totalidade de 667 (seiscentos e sessenta e sete) matriculados, envolvendo 1 (um) discente surdo, no ensino médio, nas modalidades de Ensino Regular e Curso Técnico Integrado.

Por último, a escola dispõe os seguintes espaços: 13 Salas de Aulas; 02 Banheiros para Funcionários; 04 Banheiros para Alunos; Sala de Direção; Sala de Secretaria; Sala de Apoio Pedagógico; Sala de Professores, CAF – Coordenação Administrativo-Financeira; Almoxarifado; SRM – Sala de Recursos Multifuncionais e AEE; Biblioteca; Quadra de Esportes; Auditório; Laboratório de Ciências; Sala de Informática; Laboratório de Edificações; Sala de Comissão Permanente de Exames; Sala do Grêmio Estudantil; Unidade de Alimentação; Refeitório; Sala de Estudo; Sala de Descanso; pátio central, corredores e hall de entrada; Escola com acessibilidade; Rede wifi.

Diante do exposto, vale ressaltar que todas essas etapas desenvolvidas foram cruciais para o bom andamento desta pesquisa. As informações adquiridas sobre a escola foram de suma importância para o alcançar maiores resultados.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Inicialmente, foi conversado com a direção da escola, informando-a sobre o trabalho, como seria desenvolvido e a mesma permitiu que ele fosse executado, desde que as docentes quisessem participar. Assim, as docentes aceitaram contribuir com a pesquisa. Então, foram criadas dez perguntas abertas para cada colaboradora, permitindo que cada uma desse um feedback com sua própria experiência. Das dez questões, quatro eram relacionadas aos dados da participante e as outras seis se referem ao assunto do título da pesquisa. O questionário realizado com as colaboradoras foi feito por meio de um formulário online, *Google Forms*, posteriormente, foi enviado para cada uma, através do *Whatsapp*.

Os nomes mencionados nesta pesquisa são fictícios para preservar a identidade das colaboradoras, por questões de ética. Para isso acontecer, foi combinado antecipadamente os prazos de envio e retorno das respostas com as professoras. Assim, a primeira docente entrevistada identificou-se como Joana e, a segunda, colaboradora, como Priscila.

A primeira colaboradora desta pesquisa tem por nome Joana, com a idade de 32 anos, formada no curso de Letras-Libras, sendo ela professora e intérprete de Libras há 4 anos. Já a segunda colaboradora chama-se Priscila, apresentando a idade de 27 anos, também com formação em Letras-Libras, bem como, é mestra em Ensino e atuante da profissão de professora e intérprete de Libras há 3 anos. As duas docentes residem na mesma cidade onde trabalham, Apodi/RN.

É válido enfatizar que as duas docentes atendiam a mesma aluna surda, porém, em horários diferentes, visto que a escola funciona em tempo integral. Essa discente possui 16 anos de idade e está na 1ª série do ensino médio. Sobre a aluna ser alfabetizada e letrada, de acordo com as duas professoras, em Libras ela apresenta domínio, já em Português tem uma grande dificuldade, pois só consegue ler poucas palavras e na hora de escrever é preciso dizer letra por letra para ajudá-la.

No entanto, com auxílio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foram desenvolvidas atividades voltadas para alfabetização e letramento no AEE, usando a Literatura e a Libras para o momento do ensino em L2 (segunda língua). Porém, uma das colaboradoras ainda expressa que isso não é suficiente diante das necessidades que são decorrentes de muitos anos sem o contato ou ensino adequado do Português para o surdo.

Iniciou-se pedindo para que cada colaboradora expressasse a importância do processo de alfabetização e letramento na vida do aluno surdo. A docente Joana, respondeu que “a alfabetização é algo muito importante para a vida do aluno, para que se sinta incluído em sociedade e que possa lutar por seus direitos.” Já a professora Priscila disse que é relevante “Para a autonomia do aluno em exercer as atividades de aprendizagem e socialização que ele tem direito.”

As professoras, ao expressarem a importância da alfabetização e letramento na vida do surdo, deixaram explícito que esse processo ajuda na inclusão do aluno, além de mostrar os direitos à educação que ele tem e a autonomia para executar suas tarefas como qualquer pessoa. Sabemos que todo esse processo de aprendizagem e prática requer muitos domínios, mas isso não significa que o aluno surdo não consiga

alcançá-los, pois existem muitos recursos didáticos que auxiliam e contribuem positivamente para essa etapa.

Em seguida, foi solicitado para que elas revelassem a contribuição que a sala de AEE tem na formação dos alunos surdos durante o processo de alfabetização e letramento. A colaboradora Joana respondeu que “com o auxílio na sala do AEE, o aluno poderá desenvolver as suas dificuldades, por exemplo no português, cálculos etc.” A professora Priscila ressaltou o seguinte:

Na alfabetização, principalmente por conta do déficit histórico que a educação de surdos enfrenta. Uma forma de conhecer melhor a própria cultura, língua e trabalhar lacunas que na sala de aula regular o professor habilitado em outras disciplinas não consegue preencher.

Dada as respostas das docentes, percebemos que o AEE tem um papel essencial no ambiente escolar. Claro que não substitui a sala de aula, pelo contrário, é um espaço a mais de aprendizagem, o qual complementa o ensino nas aulas e assim atende as dificuldades do aluno surdo. Além de ser desenvolvido atividades de alfabetização e letramento, também permite o discente estar mais em contato com a sua própria língua, entendendo-a melhor, visto que na sala de aula comum, não é focado nisso.

Acerca desse assunto, Alvez, Carla Barbosa, (2010) diz que:

O AEE deve ser visto como uma construção e reconstrução de experiências e vivências educacionais, em que a organização do conteúdo curricular não deve estar pautada numa visão linear, hierarquizada e fragmentada do conhecimento. O conhecimento precisa ser compreendido como uma teia de relações, na qual as informações se processam como instrumento de interlocução e de diálogo. (Alvez, Barbosa, 2010, p. 9)

De acordo com Alvez, Barbosa (2010) é possível enfatizar sobre o quanto é fundamental ter um AEE dentro da escola como um suporte a mais de conhecimento, sem excluir a sala de aula desse processo, mas sim, sempre priorizando os dois, pois um está relacionado com o outro para auxiliar no aprendizado do aluno. A parceria entre as professoras da sala regular e do AEE é imprescindível para o bom êxito do processo de ensino e aprendizagem do educando surdo.

Em seguida, foi solicitado que as professoras relatassem sobre o papel do professor de Libras durante esse processo de alfabetização e letramento. A colaboradora Joana destacou que é “orientar, ensinar novas habilidades e suprir as dificuldades.” E, a professora Priscila disse que ele é o “agente mediador de aprendizagem, sejam acadêmicas ou de construção de identidade.”

Elas explicitam que o professor tem um papel determinante durante o processo de alfabetização e letramento do aluno surdo. É com auxílio dele que os alunos recebem uma direção ao longo da sua aprendizagem, com ajuda das melhores estratégias possíveis de ensino, as quais também colaboram para enfrentar os obstáculos que surgem nesta etapa.

Outra discussão proposta foi sobre os tipos de atividades que são e podem ser desenvolvidas na sala de AEE, pelos professores de Libras, que contribuem positivamente para esse processo. A docente Joana respondeu que são “Atividades que envolvam tanto a Libras como o Português para alunos que têm dificuldade na língua, atividades de cálculos matemáticos para aqueles que têm dificuldade na matemática, entre outras.” A professora Priscila também apresentou sua contribuição dizendo que são “Várias. Mesmo não sendo a minha função atual, o professor pode trabalhar letramentos através da literatura ou atividades que se encaixem na visão educacional do aluno surdo a depender da sua faixa etária e dificuldades.”

Pode-se perceber, que as professoras enfatizaram a importância de trabalhar a Libras e o português escrito juntos, como forma de ajudar na dificuldade dos alunos, afinal nesse processo de alfabetização e letramento do surdo, é essencial manter essa interação das duas línguas, bem como auxiliar na inclusão escolar dele. Além disso, as docentes mencionam outras dificuldades que o aluno pode ter e isso deve ser trabalhado também dentro da sala de AEE.

Sobre os recursos pedagógicos utilizados na sala de AEE para auxiliar nas atividades propostas de alfabetização e letramento, a docente Joana relatou que são “Jogos em Libras, materiais de construção de palavras em português, matérias de numerações e cálculos matemáticos.” E, a colaboradora Priscila complementou ressaltando o seguinte:

Como a minha função atual no estado é de intérprete, não posso me aprofundar nessa questão. Porém, através do Pibid venho construindo junto com a universidade, bolsistas e escola, materiais didáticos que incluam assuntos da Língua Portuguesa através de algo lúdico e de fácil acesso no cotidiano dos surdos, como as redes sociais.

Através das respostas das colaboradoras, entende-se que os recursos pedagógicos para auxiliar o surdo durante esse processo, é de suma importância. Os materiais que a professora destacou são fundamentais para a construção de um aprendizado significativo e para atender as necessidades de cada aluno. Embora a segunda docente tenha destacado que a função dela é de intérprete, constata-se o zelo e

preocupação que ela demonstra em auxiliar o aluno surdo com atividades que envolvam o Português também, através do PIBID, programa esse que envolve alunos do curso de Letras-Libras.

De acordo com Amorim, (2007, p. 26):

Os materiais e os recursos para esse fim precisam estar presentes na sala de Atendimento Educacional Especializado, quais sejam: mural de avisos e notícias, biblioteca da sala, painéis de gravuras e fotos sobre temas de aula, roteiro de planejamento, ficha de atividades e outros. (Amorim, 2007, p. 26).

Amorim (2007, p. 26), em sua fala, reforça a importância dos recursos didáticos dentro da sala de AEE para estimular o aprendizado do aluno. O professor de Libras precisa e deve desenvolver um trabalho pedagógico com o objetivo de possibilitar um resultado positivo e, sabemos que o auxílio desses recursos é muito relevante durante o processo de alfabetização e letramento do aluno surdo, além de ser estratégico.

Por último, foi pedido que as colaboradoras relatassem acerca dos desafios e possibilidades que o professor de Libras enfrenta no processo de alfabetização e letramentos de alunos surdos. A respeito dessa questão, a professora Joana destacou que é “o número reduzido de matérias para recurso, a falta de conhecimento dos outros profissionais, pois o trabalho precisa estar em conjunto.” Já a docente Priscila respondeu, aprofundando mais sobre o assunto, o seguinte:

A falta do próprio cargo na escola, a família que por ignorância não acredita no potencial da criança surda e dificuldade de comunicação com professores e colegas. Mesmo após alguns anos, é muito difícil encontrar numa escola um professor de Libras. Aliado a isso também existem fatores sociais e culturais do surdo em ter acesso à educação desde cedo. Seria necessário a implantação da Libras como uma disciplina obrigatória, pois assim iríamos abrir oportunidades, reconhecimento e inclusão.

Diante das duas respostas, é possível destacar que o professor de Libras enfrenta dificuldades durante esse processo, sendo que a maior parte das situações é justamente devido os exemplos que as professoras mencionaram. As salas de AEE precisam de materiais diversificados para o educador desenvolver diversas atividades com o seu aluno. Além disso, os professores precisam buscar cada vez mais conhecimentos para saberem como trabalhar conforme as singularidades do estudante surdo.

Junto a isso, ainda vem a família que ignora a forma como o aluno surdo precisa se comunicar, usando a sua língua, Libras. Além do mais, como bem mencionou a segunda docente, é de extrema importância a necessidade de professores de Libras nas

escolas e a implementação da disciplina, pois ainda está muito escasso, ou seja, são fatores centrais que contribuíram bastante para sanar alguns problemas educacionais.

Verificou-se que as colaboradoras concordam que o AEE é um espaço, no qual contribui positivamente para a alfabetização e letramento do aluno surdo. As respostas apresentadas pelas professoras sempre se completavam, dando sempre importância ao papel do professor e as atividades que devem ser desenvolvidas dentro da sala de AEE por ele, a fim de que o aluno aprenda e se torne um cidadão participativo, autônomo e independente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar o papel do professor frente aos processos de alfabetização e letramento em Libras de surdos no AEE de uma escola pública da cidade de Apodi-RN. Constata-se, então, que o mesmo foi alcançado. Com auxílio das colaboradoras, foi possível entender um pouco sobre esse trabalho tão importante na vida do aluno surdo.

Ficou perceptível, a partir das análises, que a alfabetização e o letramento aplicado de forma coerente na sala de AEE e o professor desempenhando o seu papel, através de planejamento, estratégias metodológicas, recursos e estudos, fará com que o aluno adquira bons resultados na sua formação, visto que o ensino da Língua Portuguesa e a Libras não deve ser ensinado ao aluno surdo de qualquer maneira, ou seja, sem um planejamento didático.

Esta pesquisa contribuiu de forma pessoal, pois possibilitou reflexões sobre o trabalho que o professor de Libras precisa desenvolver com o seu aluno para que ele consiga obter uma formação satisfatória. Ainda, colaborou de forma acadêmica, uma vez que as experiências vivenciadas ao longo da caminhada do curso também trouxeram conhecimentos valiosos e muito relevantes para este trabalho. Por último, ajudou de forma social, onde pude compreender de uma melhor maneira o resultado que o surdo pode ter ao desenvolver a alfabetização e letramento no AEE com auxílio do docente, levando-o a ter uma vida em sociedade mais autônoma e independente.

É de suma importância que outras pessoas se interessem mais nessa área de pesquisa para intensificar esse estudo que é tão rico e necessário de ser discutido. Entretanto, é pertinente ressaltar que não é só debater esse assunto, mas entender todo esse processo de inclusão, as práticas pensadas, as dificuldades encontradas pelos

professores e a preparação especializada para desenvolver as atividades dentro do AEE também para o público surdo.

A partir da pesquisa realizada, é pertinente relatar a experiência que este trabalho trouxe ao longo da produção dele, podendo estar mais próxima do processo, refletindo sobre ele e se colocando no lugar das docentes à medida que as análises vinham sendo elaboradas. Além disso, as práticas sociais e a trajetória acadêmica também fazem parte de toda vivência adquirida até aqui.

Para tanto, desejo aprofundar esta pesquisa em estudos futuros, como por exemplo, na pós-graduação, a fim de contribuir cada vez mais para uma educação de surdos de qualidade, equitativa e democrática.

REFERÊNCIAS

ALVEZ, Carla Barbosa. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Universidade Federal do Ceará. 2010.

AMORIM, Mariluce da Silva Goulart. **Atendimento Educacional Especializado: uma Análise sobre as Salas de Recursos Multifuncionais para Alunos com Surdez**. 2007.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília: MEC, 2002.

_____. **Decreto n.º 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

_____. **Decreto nº 7.611 de 17 de novembro de 2011**. Brasília: MEC/SEESP, 2005. Brasília: MEC/SEESP, 2011.

_____. **Decreto nº 6.571**, de 17 de setembro de 2008, Brasília/DF, 2008.

_____. **LDB Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional - LDB 9394/1996**. Disponível em: . Acesso em: 18 de março de 2024.

_____. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit

CAMARGO, A. M. F.; GOMES, R.V.B; SILVEIRA, S.M. Dialogando sobre a política de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. In: GOMES, R.V.B; SILVEIRA, S. M.;

FIGUEIREDO, M. R. V. (Orgs.). **Políticas de inclusão e estratégias pedagógicas no Atendimento Educacional Especializado**. Fortaleza: UFCE, Brasília: M&C, 2016. e.pdf. Acesso em: 05 set. 2023.

FERNANDES, S. Letramento na educação bilíngue para surdos. In: BERBERIAN, A. P.; ANGELIS, C. C. M; MASSI, G. (orgs.). **Letramento: referências sem saúde e educação**. São Paulo: Plexus, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 1, n.2, p. 161-171, 2016.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª Ed. São Paulo: Pexux, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora: **Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

MENDONÇA, S. R. D. **Trajetórias sócio-educacionais de adultos surdos: condições sociais, familiares e escolares**. Tese de Doutorado. PUC, São Paulo, 2007.

MOURA, Maria Cecília de. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PAULON, S. M.; FREITAS, L. B. L.; PINHO, G. S. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

QUADROS, R. M. de. **O bi do bilingüismo na educação de surdos In: Surdez e bilingüismo**. 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36

ROCHA, Solange Maria da. **Memória e história: a indagação de Esmeralda/ Solange Rocha**. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2010.

SANTOS, Wasley de Jesus; BOMFIM, Jamile da Silva. A importância do ensino de Libras no atendimento Educacional Especializado para alunos surdos. **X Seminário Nacional sobre ensino de língua materna, estrangeira e de literaturas. SELIMEL - UFCG Paraíba**, novembro 2017

SILVA, Ana Cristina Silva et al. Análise do perfil dos professores do atendimento especializado das escolas municipais de Uruguaiana/ RS. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 10, n. 2, 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros/ Magda Soares**, Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

VEIGA, I. P. A. **Projeto Político Pedagógico: uma construção possível**. Campinas: Papirus, 1995.